

## Teorias da Migração: abordagens pioneiras (1880-1940)

### Theories of Migration: Pioneering Approaches (1880-1940)

Antônio de Pádua Bosi\*

**Resumo:** Este artigo aborda estudos e teorias pioneiros que moldaram o campo dos estudos sobre migração. Selecionei quatro intelectuais nascidos no final do século XIX, cujas experiências em contextos urbanos dinâmicos e industrializados influenciaram as suas visões sobre mobilidade humana: Ernst Ravenstein, Robert Park, George Simmel e Rudolph Heberle. Os seus escritos refletem a tentativa de compreender mudanças sociais e deslocamentos demográficos sem precedentes marcados pela industrialização e pelas transformações culturais. Sem julgar limitações teóricas a partir de conhecimentos contemporâneos, o enfoque é compreender como as suas pesquisas expressaram inquietações e interpretações de seu tempo, vinculadas a realidades econômicas e sociais específicas. Esses trabalhos, produzidos em um contexto de pesquisa ainda artesanal, representam esforços para decifrar a migração, revelando como as trajetórias intelectuais dos autores se articularam às dinâmicas do mundo que observaram. Tais autores ofereceram importantes *insights* ainda utilizados nos debates sobre mobilidade humana.

Palavras-chave: Migração; Simmel; Heberle; Ravenstein; Park.

**Abstract:** This article addresses pioneering studies and theories that shaped the field of migration studies. I have selected four intellectuals born in the late nineteenth century, whose experiences in dynamic, industrialised urban contexts influenced their views on human mobility: Ernst Ravenstein, Robert Park, Georg Simmel, and Rudolph Heberle. Their writings reflect attempts to understand unprecedented social changes and demographic shifts, marked by industrialisation and cultural transformations. Without judging theoretical limitations through contemporary knowledge, the focus is to comprehend how their research expressed the concerns

---

\* É graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (1993), mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997) e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (2002). Atualmente é professor Associado C da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Tem experiência na área de História e estuda os conflitos em torno da organização do trabalho e dos trabalhadores com ênfase para as experiências mais recentes de precarização das relações de trabalho e de formação da classe trabalhadora no Brasil.

and interpretations of their time, linked to specific economic and social realities. These works, produced in a still pre-systematic research context, represent efforts to decipher migration, revealing how the authors' intellectual trajectories intertwined with the dynamics of the world they observed. These scholars provided significant insights still utilised in contemporary debates on human mobility.

**Keywords:** Migration; Simmel; Heberle; Ravenstein; Park.

## **Introdução**

Este artigo propõe um itinerário histórico das primeiras pesquisas e teorias que moldaram o campo dos estudos sobre migração. Desde o final do século XIX, a migração se constituiu em objeto de pesquisa, de reflexão e, em alguma medida, de políticas públicas. O interesse em estudar os deslocamentos humanos fez-se de modo multidisciplinar, mobilizando esforços de diversas áreas. Também por isso as interações com a migração são numerosas. Para exemplificar, não é difícil encontrar publicações a respeito da migração que indagam sobre gênero, impactos demográficos, desenvolvimento econômico, integração cultural, identidade, mercado de trabalho, remessas financeiras, racialização, políticas de acolhimento, xenofobia etc. Enfim, trata-se de uma miríade de temas que tem sido bastante ampliada nas últimas décadas e que mantêm conexões com teorias e abordagens antigas, originadas com certo ineditismo e pioneirismo.

Quem acompanha o crescimento dos estudos sobre migração surpreende-se ao constatar o volume de literatura descritiva sobre o assunto. Os textos teóricos também são numerosos. Por isso, a análise que pretendo entregar aqui é modesta, baseada em um conjunto de trabalhos definidos no tempo que alicerçaram a migração como objeto de estudo de forma pioneira. São, por ordem de exposição, os textos de Ernst Ravenstein, de Robert Park, de George Simmel e de Rudolph Heberle, autores nascidos no final do século XIX que cresceram e foram educados em cidades cujo dinamismo econômico, social e cultural informou a experiência do mundo industrial, da multidão, dos deslocamentos regionais e internacionais. Tais elementos aguçaram a curiosidade em compreender essas mudanças e a mobilidade demográfica até então sem precedentes.

Essas teorias têm sido mapeadas no que se refere às suas tradições e suas às influências acadêmicas. Por outro lado, elas podem ser mais bem compreendidas se

forem discutidas à luz de fatores históricos que intervieram na definição dos interesses de pesquisa e das visões de mundo de seus autores. Tentei fazer isso e buscar nesses estudos caminhos e bifurcações acerca das teorias e das perguntas que formataram a migração como objeto de estudo, reconstruindo contextos históricos que marcaram tais produções.

O principal fator que tentei explorar diz respeito às experiências desses autores em meio à transformação do mundo conforme seus pais o conheceram. Não à toa, eles investigaram deslocamentos humanos contemporâneos a cada um deles. Pode-se dizer que escreveram uma história do tempo presente, buscando identificar e entender as forças que precipitaram a migração. Nesse sentido, acredito que voltar no tempo é uma forma de seguir adiante com esse tema.

### **Primeiras abordagens**

Em 1876, 1885 e 1889, o geógrafo Ernest Ravenstein publicou três estudos sobre a migração ocorrida em países europeus e nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX. Joaquín Arango observou que os artigos de Ravenstein constituíram, provavelmente, a primeira manifestação do pensamento científico sobre as migrações, “inaugurando uma linha de reflexão que se prolonga até nossos dias de modo a buscar regularidades empíricas nos movimentos migratórios” (ARANGO, 1985, p. 8). Por outro lado, é pouco provável que os colegas de Ravenstein, e ele próprio, tenham percebido o potencial que suas teorias sobre migração estava destinado a alcançar ao longo do tempo (GREENWOOD, 2019).

*The Laws of Migration* é o título de dois artigos publicados em 1885 e 1889, no *Journal of the Royal Statistical Society* (RAVENSTEIN, 1885, 1889). Ambos estão entre os primeiros e mais citados textos sobre migração. Ravenstein trabalhou como cartógrafo no Departamento Topográfico do Ministério da Guerra do Reino Unido. Nessa condição, ele analisou padrões migratórios do século XIX no Reino Unido e em outros 19 países da Europa. Os dados manejados por ele impuseram limitações para estratificar a população capturada nos recenseamentos, o que valoriza seu esforço. Além de serem subnotificados, os censos não apresentavam informações sobre a caracterização individual dos migrantes, os motivos da migração e, em alguns casos, a distinção de classe social, de etnia e de gênero, por exemplo (GRIGG, 1977, p. 43-44). O artigo de 1885 foi primeiramente comunicado e arguido em sessão da *Royal*

*Statistical Society*. Estatisticamente, o seu método cobria o “crescimento real” da população, o “crescimento natural”, a “perda geral” e a “perda nas áreas rurais” (RAVENSTEIN, 1885). Além de elogios, Ravenstein recebeu críticas pontuais sobre situações singulares dos condados britânicos e uma objeção feita ao termo “leis”. Em resposta, ele disse que o empregou porque não encontrou outro que transmitisse o fato de a migração acontecer sob certas regras (RAVENSTEIN, 1885, p. 235). Como ato contínuo, o autor manteve o mesmo título na publicação de 1889.

Basicamente, os seus procedimentos para tratar os dados podem ser resumidos à descrição de padrões de migração a partir da organização de números censitários em porcentagens e de mapas quase rudimentares, mas uma inovação para a época. Isso foi feito no primeiro artigo. No segundo, ele considerou os lugares como os variáveis. Por exemplo, como lembra Michael Greenwood, Ravenstein analisou os dados e os registros estatísticos juntamente aos de deslocamentos “para estudar a migração (considerada de um lugar para outro) ocorrida ao longo da vida e a migração líquida. A partir dos números da migração líquida, ele conseguiu identificar ‘áreas de absorção’ (migração líquida de entrada) e dispersão (migração líquida de saída)” (GREENWOOD, 2019, p. 3). Esse método expressou o esboço da teoria “*Push-Pull*”.

Pelo menos seis de suas conclusões reverberaram em estudos posteriores: (i) a maioria de migrantes se deslocaria por curtas distâncias; (ii) todo fluxo migratório geraria um retorno (*counterstream*); (iii) moradores de áreas rurais costumam migrar mais do que moradores urbanos; (iv) o aumento dos meios de locomoção e o desenvolvimento da indústria e do comércio intensificariam a migração; (v) a proporção de mulheres e de homens que migram; e (vi) o principal motivo para migrar é o econômico. À época, a primeira conclusão recebeu especial atenção de Ravenstein. O geógrafo salientou que “a maior parte dos nossos migrantes apenas se desloca a uma distância relativamente curta do local onde nasceram” e que a mobilidade da população se dava em todo Reino Unido (RAVENSTEIN, 1885, p. 199.) Pode-se acrescentar ao seu trabalho o aprimoramento de técnicas da cartografia utilizadas para visualizar padrões migratórios. Esse tipo de análise espacial ajudou-o a identificar tendências como a urbanização e o esvaziamento rural e a comparar dinâmicas migratórias de diferentes regiões. O teórico empregou mapas de fluxo para indicar a direção e a intensidade dos deslocamentos e mapas coropléticos para

representar as taxas líquidas de migração. Escrevendo na década de 1960, Everett Lee observou que, exceto por Dudley Kirk (KIRK, 1969), “Ravenstein parece ter sido a última pessoa que fez uma comparação detalhada do volume da migração interna ou das características dos migrantes de um bom número de nações” (LEE, 1966, p. 49).

Nos primeiros três quartos do século XX, as “leis” de Ravenstein foram interpretadas como “um conjunto de proposições empíricas gerais vagamente relacionadas que descrevem conexões migratórias entre origens e destinos” (ZELINSKY, 1971, p. 219-220). É um pouco mais do que isso se for atribuído a ele o esboço do “*Push-Pull*”, considerando que, em seus artigos, a motivação econômica para migrar funcionou como fator de repulsão e de atração. Esse modelo teórico geralmente é creditado a Everett Lee (LEE, 1966), e, de fato, embora Ravenstein tenha pavimentado o caminho para essa teoria, ele mesmo não se serviu dessa terminologia.

De qualquer modo, além desses pontos, Ravenstein afirmou que a resposta à migração (pode-se pensar no mercado de trabalho, na habitação etc.) determina a forma com que a demanda por mão de obra será suprida, devendo essa relação ser considerada estrutural, constituída pelas “leis” por ele encontradas. Assim, a presença do migrante no local de destino, capturada nos dados censitários, seria avaliada relativamente a essa estrutura, mas sem estratificar os elementos que a compuseram, embora tenham sido tratados distintamente como “leis”.

Muitas de suas “leis” assemelhavam-se a hipóteses uma vez que não eram extraídas inteiramente de fontes empíricas. Desse modo, pode-se dizer que parte delas decorreu de sua experiência histórica cujo testemunho viu a Inglaterra industrializar-se rapidamente, a urbanização crescer em escala geométrica e um êxodo rural que mudava a proporção entre a população do campo e das cidades (HOBSBAWM, 1982). As suas ideias surgiram em um período de grandes transformações na Europa e no mundo, influenciadas por diversos fatores históricos. Ao mesmo tempo, o fato de pertencer a uma família de cartógrafos ajudou a definir seu interesse pelos deslocamentos populacionais. A sua confiança nas estatísticas que manuseou o levou a elaborar projeções a respeito do crescimento demográfico no planeta.

Ravenstein viveu na Inglaterra durante a segunda metade do século XIX, e isso lhe permitiu observar de perto os deslocamentos populacionais na Europa e para

fora dela, especialmente a colossal migração urbana provocada pela industrialização na Inglaterra e em outros países. Contudo, é preciso ressaltar que, provavelmente, seus estudos não prosperariam não fosse a disponibilidade dos censos britânicos realizados desde 1841, particularmente as informações acerca da migração por local de nascimento. É razoável considerar que o ineditismo do seu trabalho ajudou a tornar as suas abordagens referências teóricas e metodológicas para o campo de pesquisa sobre migração que se abriu depois dele.

Os dados pesquisados por Ravenstein tiveram uma raiz econômica. No final do século XIX, a expansão mundial da produção capitalista ampliou enormemente as crises de natureza comercial e financeira, principalmente na Europa. Uma dinâmica de superprodução desencadeou esse processo e provocou uma grande depressão econômica iniciada em 1873. A “longa depressão”, como ficou conhecida, quebrou primeiramente a Bolsa de Viena, seguida pela falência de bancos europeus. À medida que os grandes bancos suspendiam pagamentos, a crise piorava a saúde dos setores de produção industrial e agrícola, causando desemprego sistêmico e atingindo sobremaneira as populações mais pobres na Europa. Nesse contexto, famílias inteiras sentiram-se pressionadas pela perda de suas ocupações e condições de sobrevivência, quaisquer fossem elas (COGGIOLA, 2009).

O que aconteceu na Itália entre 1875 e 1881 ilustra esse processo, período em que foram confiscadas cerca de 61 mil pequenas propriedades. Entre 1884 e 1901, o confisco ultrapassou 200 mil pequenas propriedades (TRENTO, 2022, p. 54). Os camponeses expulsos dessas terras buscavam trabalho nos latifúndios, arrendavam pequenas glebas ou emigravam. A grande depressão vivida na Itália explica, por exemplo, a vinda de Júlio Lorenzoni ao Brasil, em 11 de fevereiro de 1878, depois de seus pais perderem uma pequena propriedade de dois hectares cultiváveis. Naquele dia, outras 22 famílias, somando mais de 100 pessoas, também deixaram a região rumo a Gênova, de onde partiriam para o Brasil, Estados Unidos ou Argentina. No navio em direção ao Brasil, embarcaram mais de 150 famílias (LORENZONI, 1975, p. 19-20).

Os artigos de Ravenstein foram elaborados nesse contexto, e isso deve ser considerado quando se reconhece que se tornaram ponto de partida teórico para as pesquisas sobre migração. A maioria delas assumiu o formato de estudos de caso, restringindo o número de componentes conectados aos deslocamentos humanos

como estratégia para aprofundar assuntos e abordagens, especialmente as dimensões econômicas desses eventos. O processamento de abundantes dados de diferentes países e regiões que caracterizou os dois artigos *The Laws of Migration* ocupou menos espaço na produção acadêmica como modelo, mas se tornou prática comum de organismos multilaterais criados no pós-Segunda Guerra. A sua própria experiência coincidiu com as mudanças econômicas e sociais na Europa, particularmente com o trânsito de pessoas do campo para as grandes cidades que ele investigou. O geógrafo presenciou com nitidez a Inglaterra se mover para Londres, onde morava, e visualizou, por meio de números, a Alemanha se mudar para Berlim. Em 100 anos, de 1820 a 1920, estima-se que 62 milhões de pessoas deixaram a Europa em busca de outros lugares a fim de terem uma vida melhor. Ravenstein captou esse tipo de expectativa observando os desenhos gráficos formados pelos números de pessoas que migravam, mas não alcançou, nem tentou alcançar, os efeitos colaterais desses deslocamentos que podiam assumir a forma de traumas permanentes, às vezes percebidos nas saudades, nos silêncios e nas tristezas que povoavam as experiências dos migrantes.

Ravenstein foi filiado à Sociedade Geográfica Real, fundada em 1830. Durante anos, morou em Lambeth, distrito localizado na parte Sul de Londres. Embora tenha nascido na Alemanha, viveu a maior parte de sua vida na Inglaterra e teve contato com o círculo de ideias dominantes no Império Britânico. Pelo menos dois problemas elencados por ele nos estudos sobre os movimentos migratórios na Alemanha tiveram contornos mais políticos do que demográficos: a dinâmica da industrialização e o processo de formação do Estado Nacional, iniciado em 1871. Nesse contexto, entre 1885 e 1889, seu trabalho foi revestido de certo pragmatismo uma vez que conseguiu identificar, em *The Laws of migration*, formas de os governos estimularem ou restringirem migrações de curtas distâncias. O autor foi contemporâneo da *Conferência de Berlin*, conjunto de reuniões realizadas ao longo de três meses, entre 1884 e 1885, tendo Bismark como anfitrião e representantes de 13 países como participantes. O objetivo acordado foi o de “gerir” o processo de colonização em curso na África, evitando conflitos armados entre as potências coloniais rivais presentes na conferência (CRAVEN, 2015, p. 32).

Como homem de seu tempo e cidadão da Era Vitoriana, Ernest Ravenstein compartilhava valores eurocentristas, particularmente quando essa posição era

expressão do imperialismo e da dominação britânica no mundo. Ele não estava sozinho, pois, no final do século XIX, muitos geógrafos e organizações geográficas contribuíram para encorajar o desenvolvimento de impérios. Um observador postado em 1880 veria dois mundos: um desenvolvido e outro defasado. A política imperialista, muitas vezes registrada na África por historiadores, viajantes e fotógrafos, se disfarçava de trabalho missionário ou de pesquisa científica; tratava-se de generalizar a crença de que o capitalismo era uma fatalidade desejável para todos os povos. Ravenstein esteve presente nesse processo de maneira mais evidente quando fez a ilustração cartográfica do livro *The Development of Africa*, escrito pelo geógrafo inglês Arthur Silva White, publicado em 1892 (WHITE, 1892). O livro surgiu depois do acordo que estabeleceu a partilha da África entre potências europeias. Em um sentido específico, a criação de um aparato burocrático para produzir, coletar e interpretar dados demográficos possibilitou classificar os povos em uma série de variáveis, inclusive a sua mobilidade.

Toda ciência tem princípios dos quais derivam as suas teorias. No final do século XIX, todos os campos do conhecimento tinham algum compromisso com a ideia de desenvolvimento econômico capitalista e a expansão dos mercados. Dificilmente Ravenstein não carregava a consciência disso, do caminho que os países dominantes, particularmente o Reino Unido, preparavam para o resto do mundo. É improvável que não tenha visto as cicatrizes sociais que moldaram as rotas migratórias. Pode-se dizer que ele traçou os primeiros mapas do êxodo humano. As suas “leis” eram espelhos de um mundo em transformação, no qual locomotivas e navios a vapor reescreviam fronteiras e suas hipóteses sobre a migração estimularam uma quantidade notável de pesquisas em diversos lugares e línguas.

### **Mudando de marcha: Robert Park**

Robert Ezra Park nasceu em 1864, na Pensilvânia. A sua formação inicial foi em Psicologia, quando esse campo ainda estava sob abrigo da Filosofia. Teve aulas com John Dewey e William James, fato que ajuda a explicar o porquê, 30 anos depois dos escritos de Ravenstein, ele argumentou que a migração não seguiria “leis naturais”, mas sim dependeria de fatores psicológicos e sociais que influenciariam a decisão de migrar (PARK, 1928). Dewey teve também um impacto na definição de sua curiosidade intelectual, “um plano de vida que deveria ser dedicado a meramente ver

e conhecer o mundo sem quaisquer objetivos práticos” (RAUSHENBUSH, 1979, p. 15). O interesse de Park por filosofia continuou em Harvard, onde concluiu um mestrado. Essa bagagem o aparelhou para estudar a migração, mas, antes disso, ele se encontrou com Simmel, na Alemanha; na verdade, foi um encontro com a Sociologia.

Robert Park se instalou em Berlim com a esposa e três filhos. Na universidade, em seu primeiro ano, 1899, cursou Arte Europeia no Século XIX e História do Direito. No ano seguinte, ele se tornou aluno de Georg Simmel em três disciplinas: Ética, História da Filosofia no Século XIX e Sociologia. Curiosamente, esse foi o único curso de Sociologia que Park fez em toda a sua vida (RAUSHENBUSH, 1979, p. 30). De volta aos Estados Unidos, lecionou Filosofia em Harvard e foi convidado a compor a Associação para Reforma do Congo, que funcionou de 1904 a 1913. Se a Europa foi seu primeiro estímulo para notar a presença estrangeira (a dele, inclusive), as atrocidades imperialistas cometidas contra os congoleses foram a segunda porta de entrada para um mundo povoado de diferenças culturais, sociais e políticas. Não obstante a isso, foi na Escola de Chicago que Park deu um passo importante no estudo das migrações ao formular o conceito de “homem marginal”. Ele se referia a imigrantes com um novo tipo de personalidade formada de duas culturas diferentes “vivendo e compartilhando intimamente a vida cultural e as tradições de dois povos distintos, nunca disposto a romper, mesmo que lhe fosse permitido fazê-lo, com seu passado e suas tradições, e, não sendo totalmente aceito devido ao preconceito racial encontrado na nova sociedade” (PARK, 1928, p. 892).

Peter Kivisto destacou que Robert Park escreveu em uma época na qual o sentimento anti-imigração estava no auge. Ele era simpático aos imigrantes, opondo-se aos apelos feitos pela rápida americanização dos recém-chegados, assim, “defendeu a tolerância e a aceitação como antídoto ao etnocentrismo” (KIVISTO, 2017, p. 6). Park concluiu que viver entre duas culturas sem pertencer completamente a nenhuma delas impunha desafios psicológicos e sociais aos imigrantes. Uma implicação teórica importante dessa conclusão indicava que a migração não seria apenas um movimento físico, mas também uma transformação social que afetava tanto os migrantes quanto as sociedades que os recebiam. O sentido inicial conferido ao conceito de “homem marginal” era mais ambivalente do que negativo, já que, sob essa ótica, o imigrante podia ser visto tanto atuando na

mudança e na diversificação da sociedade quanto enfrentando discriminação e exclusão. A construção desse conceito deu-se no campo da Sociologia, mas também foi motivado pela experiência pessoal de Park.

No começo do século XX, a presença de imigrantes em Chicago só era menor do que na cidade de Nova York. Aproximadamente 2,5 milhões de europeus se fixaram em Chicago, principalmente famílias vindas de países do Sul e do Leste da Europa (SPINNEY, 2020, p. 111). Irlandeses, poloneses, alemães, suíços, checos, russos, italianos, lituanos, austríacos e outros formaram a Chicago que Robert Park viu de perto e estudou. Cada nacionalidade e etnia se organizava em comunidades, jornais ou Igrejas. Entre 1886 e 1921, no mínimo 20 jornais em língua italiana surgiram em Chicago (NELLI, 1970, p. 158). O vigoroso crescimento demográfico urbano que chamou atenção da Escola de Chicago foi nutrido por estrangeiros. A esse respeito, a sua população saltou de 516 mil habitantes, aferidos no censo de 1910, para 2,7 milhões, contados no censo de 1920. Essa paisagem lhe era familiar e atraiu a sua atenção.

Grande parte dos imigrantes em Chicago vinha de áreas rurais, com pouca ou nenhuma qualificação adequada para o emprego industrial, exceção feita aos frigoríficos. Entre o final do século XIX e o começo do século XX, Swift, Armour, Morris, Cudahy e Wilson, conhecidas como *Big Five*, localizadas em Chicago, tornaram-se as principais empresas que dominaram o mercado nacional da carne. Na Primeira Guerra Mundial, os produtos desses frigoríficos eram conhecidos em todo o mundo, razão de a cidade receber o título de líder da indústria da carne (PACYGA, 2020, p. 133). Esses frigoríficos empregavam muitos dos imigrantes recém-chegados, tanto que cerca de dois terços da força de trabalho era estrangeira: boêmios, alemães, lituanos, poloneses, russos, austríacos, eslovenos e tchecos (BARRET, 1990, p. 39). A mais conhecida descrição desses frigoríficos e de seus trabalhadores foi feita pelo escritor Upton Sinclair, em *The Jungle*, de 1906. O impacto do livro foi estrondoso e imediato, o que levou o governo de Theodore Roosevelt a estabelecer uma comissão para investigar a situação dos trabalhadores nos frigoríficos e os padrões de higiene que horrorizaram os leitores. É provável que Robert Park conhecia essa dimensão de Chicago.

Embora Park seja mais lembrado pela ideia de “homem marginal”, a sua primeira contribuição intelectual foi marcada por esse contexto, estando impressa em

*The Immigrant Press and Its Control*, publicado em 1922, sob o financiamento da *Carnegie Corporation of New York*. Na obra, o papel da imprensa imigrante nos Estados Unidos foi recortado como objeto de pesquisa e analisado como um meio de comunicação, de integração e de controle social das comunidades étnicas. O argumento central do autor foi que a imprensa imigrante desempenhava uma função crucial no processo de assimilação cultural, mas também poderia atuar como um espaço de resistência à cultura nativa. Apesar de Park ter registrado que o objetivo do livro seria “dar uma noção tão clara quanto possível dos métodos das agências que realmente trabalham neste campo (imprensa imigrante) e não propor teorias para lidar com as questões mais complexas envolvidas” (PARK, 1922, p. viii), seu trabalho inaugurou um tema recorrente na literatura sobre imigração. O processo de assimilação (ou sua rejeição) foi problematizado à medida que ele investigava o material preparado e impresso pelos próprios imigrantes, de modo que todos os dados pesquisados “pontuaram o fato de que a imprensa imigrante seria um fenômeno da imigração” (PARK, 1922, p. 326).

Sintonizado com seu tempo, a sua leitura da realidade rebateu a ideia central presente em *The Melting-Pot, Drama in four acts*, obra escrita pelo judeu-americano Israel Zangwill, em 1908, em que imigrantes de diferentes origens se misturam para formar uma nova identidade nacional (ZANGWILL, 2007). Essa peça de teatro refletiu debates sobre imigração, assimilação e identidade cultural no início do século XX e obteve inclusive a simpatia do presidente Theodore Roosevelt, que advogava uma completa assimilação dos grupos imigrantes pela cultura americana sob o argumento de que “temos espaço para apenas uma bandeira, a bandeira americana... Temos espaço para apenas uma língua aqui, e essa é a língua inglesa... e temos espaço para apenas uma única lealdade e essa é uma lealdade ao povo americano” (ROOSEVELT, 1917). Sob o olhar de Park, a presença de imigrantes em Chicago e os conflitos culturais por eles vivenciados abriu possibilidades de pesquisa e influenciou decididamente o conceito de “homem marginal”.

De fato, a questão da assimilação forçada esteve pautada no cotidiano de diversos grupos de imigrantes que questionaram a posição de Roosevelt. No sentido inicialmente empregado por ele, assimilar equivaleria a incorporar, a absorver e a integrar, adotando os comportamentos, os valores e as crenças da cultura hegemônica no país ou região de destino. Por outro lado, a assimilação desenvolveu-

se também como conceito ligado a algum tipo de preservação ou de adaptação do aparato cultural de grupos étnicos estrangeiros à cultura predominante. Robert Park e o sociólogo Ernest Burgess definiram “assimilação” como “um processo de interpenetração e fusão no qual pessoas e grupos adquirem as memórias, sentimentos e atitudes de outras pessoas ou grupos e, ao compartilhar sua experiência e história, são incorporados a eles em uma vida cultural comum” (PARK; BURGESS, 1921, p. 735). Essa definição tinha em mente principalmente migrantes, e não exigiu o que muitos críticos da teoria da assimilação pressupunham, ou seja, o apagamento de todos os sinais das origens étnicas. Em vez disso, “ela equipara a assimilação a mudanças que trazem as minorias étnicas para a corrente principal da vida americana. É uma resposta crítica à americanização total dos imigrantes que, na época, estava sendo agressivamente promovida por muitos americanos” (ALBA; NEE, 2009, p. 19).

Nos domínios da Sociologia, sobretudo, a investigação empírica percorria caminhos a partir de indagações a respeito das consequências vividas por migrantes ou grupos de migrantes que adquiriam memórias, sentimentos e comportamentos da cultura dominante sem, contudo, serem entrosados efetivamente na sociedade. A principal síntese das abordagens sobre a questão da assimilação cultural apareceu mais tarde, em 1955, pelas mãos do sociólogo Milton Gordon, também ligado à Escola de Chicago. Ele retornou à contribuição de Robert Park, particularmente o “homem marginal”, e mostrou como esse conceito havia sido assimilado no campo da pesquisa, assim como discutido, explorado e disseminado em várias publicações no período de 1935 a 1956 (GORDON, 1955, p. 60-83).

Entretanto, pontua-se que a virtude da abordagem formalizada por Robert Park, muitas vezes estampada em pesquisas empíricas e debates teóricos, desprende-se de seu sentido original para ancorar visões mais ideológicas, compondo compreensões e teorias discricionárias que alinhavam hierarquicamente etnias distintas, o que fomentou estereótipos e desigualdades. No Brasil, por exemplo, assimilação foi pensada articuladamente à ideia de “branqueamento da raça”. Como criticou a antropóloga Giralda Seyferth, nessa perspectiva, “os imigrantes teriam um papel adicional a exercer: contribuir para o branqueamento e, ao mesmo tempo, submergir na cultura brasileira” (SEYFERTH, 1996, p. 124). Foi o caso de Oliveira Vianna (VIANNA, 1938) cujas teses sobre a miscigenação ou a fusão

de raças “conjugam dos mesmos pressupostos de hierarquia racial e primazia branca, ao propor que, quando duas raças desiguais são colocadas em contato, as menos fecundas são absorvidas ou dominadas: uma gera os senhores e a outra os servidores” (TRUZZI, 2012, p. 520).

Metodologicamente, Park defendeu a pesquisa com “histórias de vida”, em especial quando se quer conhecer a realidade das relações raciais. Ele via grande virtude no “encontro direto de um indivíduo em uma situação problemática, com membros de outra raça” (PARK, 1950, p. 221). Essa modalidade de entrevista revelaria impressões, opiniões, atitudes e reflexões modeladas na experiência do contato inter-racial. Não se tratava de uma abordagem inédita, mas se pode dizer que ouvir o “objeto de pesquisa” tinha o potencial de recortar e de entender dimensões da experiência de imigrantes até então bastante negligenciadas.

Park entendia que o migrante era um homem à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetrariam e se fundiriam completamente. A partir da leitura de George Simmel, ele enfatizou a importância da mobilidade social e das interações entre grupos diversos em ambientes urbanos. Assim como Simmel, Park reconheceu que a presença de estrangeiros ou grupos minoritários podia tanto enriquecer a cultura local como gerar tensões e conflitos. O exemplo de “homem marginal”, registrado em seu artigo inaugural de 1928, refere-se ao judeu como um tipo específico, “o primeiro cidadão cosmopolita e do mundo” (PARK, 1928, p. 892). Park encontrou o ponto de bifurcação na reflexão proposta por George Simmel no texto *O estrangeiro*, de 1908 (SIMMEL, 1983).

A partir desse ponto, Park operou brevemente um cruzamento entre história de longa duração e os problemas vividos pela população estrangeira em Chicago na década de 1920. Simmel foi professor de Park em Berlim, no período de 1899 a 1900, e se tornou a sua referência teórica e empírica: o judeu seria, “por excelência, o ‘estrangeiro’ que Simmel, ele próprio um judeu, descreveu com tão profunda percepção e compreensão em sua Sociologia” (PARK, 1908, p. 892). As pessoas que entraram no radar de Park eram um espectro de dois mundos, filhos de fronteiras que não o reconheciam, habitantes de uma linha tênue entre raças e culturas que carregavam sobre si o peso da assimilação e da nostalgia. Assim, a posição de migrante desenvolvida por Robert Park deveu-se, em boa medida, à leitura atenta e

reveladora que fez do ensaio *O Estrangeiro*, sendo um apoio para combinar empiria e sensibilidade (SIMMEL, 1983).

### **“O Estrangeiro”: um ponto fora da curva**

Curiosamente, durante décadas, as ideias presentes em *O Estrangeiro* foram conhecidas apenas em língua alemã, integrando originalmente o livro *Soziologie*, de 1908. A versão em língua inglesa foi publicada em 1950; no Brasil, a tradução aconteceu em 1983, reunido em uma coletânea. Divulgado de forma avulsa, *O Estrangeiro* se tornou o texto mais conhecido de George Simmel.

O sociólogo Donald Levine relata que, primordialmente, *O Estrangeiro* correspondia a “uma digressão de seis páginas” publicada em 1908 como parte de um capítulo de livro intitulado *Espaço e Ordenação Espacial* (LEVINE, 1977, p. 16). Ele argumenta que foi dessa forma, desassociado de seu contexto original, que ocorreu a sua difusão, exceção feita à edição em língua alemã. Nos Estados Unidos, onde Simmel obteve maior fama, Levine localizou “confusões” em diversas tentativas de interpretá-lo, sobretudo devido ao manejo daquelas seis páginas desconectadas do capítulo que as informava. A primeira dessas “confusões” é atribuída a Robert Park. Para Levine, ele teria se equivocado ao estabelecer equivalência entre o “estrangeiro” e o “homem marginal” a partir de uma citação do ensaio de Simmel, intitulado *Human Migration and the Marginal Man* (1928). Considerando a ausência de uma tradução material original, a interpretação de Park converteu-se na principal fonte divulgadora de *O Estrangeiro* nos Estados Unidos.

A crítica de Lavine se estendeu aos usos e às interpretações mais frequentes do texto de Simmel: (i) quando o estrangeiro é identificado com o forasteiro recém-chegado; (ii) quando o papel do estrangeiro é considerado individualmente diante de seu grupo étnico; e (iii) quando a pluralidade de usos da metáfora da proximidade e do afastamento cultural simultâneos é obscurecida. O percurso das ideias de Simmel no texto de Levine mostra que tais pontos, principalmente os dois primeiros, foram expressão da sensibilidade de Park, mas é também evidência de que *O Estrangeiro* foi ponto de partida para diversos trabalhos empíricos e teóricos, especialmente acerca da migração.

No início, “estrangeiro” foi um conceito construído dentro do pensamento sociológico preparado para capturar a volatilidade cultural de indivíduos e grupos

enraizados parcialmente em determinada sociedade. Simmel não se referia exclusivamente ao imigrante, mas a uma posição social específica de um indivíduo dentro de um grupo. A utilidade mais recorrente desse conceito considerava os indivíduos capazes de analisar as normas e os costumes do grupo com alguma imparcialidade, uma vez que a sua mobilidade geográfica e social o libertaria de tradições e culturas consideradas locais. Park, como disse, aplicou esse conceito aos fenômenos migratórios e as relações culturais estabelecidas entre o migrante e o nativo com o objetivo de explorar experiências de migrantes que haviam perdido os seus antigos valores sem, contudo, assumir as normas dominantes. Simmel se referia àqueles que, de fora, poderiam explicar o que os de dentro não conseguiam ver, nem mesmo entender.

Um exemplo disso reside na liberdade particular do estrangeiro e a sua conexão com as obrigações e expectativas do grupo social. Essa liberdade poderia permitir-lhe uma forma de individualidade que seria frequentemente perdida à medida que estivesse totalmente imerso em sua comunidade de origem. Por outro lado, essa mesma liberdade poderia ser acompanhada de solidão e de desamparo, uma vez que o estrangeiro não pertencia plenamente a nenhum lugar. A esse respeito, pode-se considerar que a origem judaica de George Simmel influenciou a elaboração de seu artigo. É verdade que a sua família se converteu ao cristianismo e que seus pais o batizaram como protestante luterano, mas a sua experiência pessoal correspondeu a alguém que viveu pressionado pelo antissemitismo devido à descendência judaica. Ademais, a origem étnica e religiosa à época de Simmel era uma marca visível, e aqueles que buscavam se esconder ou seguir em frente nunca conseguiam se livrar completamente de seu passado.

A interpretação de que Simmel “não tinha qualquer interesse na herança cultural judaica e na religião judaica” (PODOKSIK, 2021, p. 7) que pudesse influenciar seu pensamento não encontra lugar em seu artigo de 1908. Como lembra o sociólogo Thomas Kemple, Simmel observou que a história do estrangeiro como membro ambigualmente integrante e excluído da sociedade era também a história do judeu europeu. A principal evidência que Simmel registrou em *O Estrangeiro* é a tributação dos judeus realizada ao longo do período medieval, tipificada como um imposto étnico (KEMPLE, 2018, p. 127). Para ele, o “estrangeiro” era o judeu.

Metáfora ou representação, Simmel elegeu a etnia como núcleo central da explicação do caráter ambíguo do “estrangeiro”, personagem que está simultaneamente dentro e fora de um grupo social. Ele tratou o problema do judeu no contexto da Alemanha unificada e de uma Berlim cuja singularidade acolhia o antissemitismo. Cerca de 160 mil judeus viviam em Berlim por volta de 1900, quando a população da cidade atingiu dois milhões de pessoas. Era a maior comunidade judaica do país. Práticas hostis contra judeus já eram evidentes o cotidiano de Berlim, sendo eles estigmatizados, recusados como iguais e, no limite, tolerados. Para a etnia dominante, o ser judeu deveria ser diluído socialmente. Três décadas depois de *O Estrangeiro*, Hanna Arendt contou a própria experiência de refugiada, verdadeiro tipo ideal de Simmel: “De um modo amigável foi-nos lembrado que o novo país tornar-se-ia uma nova casa; e depois de quatro semanas em França ou seis semanas na América, fingiríamos ser franceses ou americanos”. Como encontrar ou elaborar nova personalidade? “Os mais otimistas entre nós teriam mesmo acrescentado que toda a sua vida anterior teria sido passada numa espécie de exílio inconsciente e apenas o seu novo país lhes ensinaria agora com o que se parece uma casa” (ARENDDT, 2013, p. 9).

Uma forma de tornar mais legível a judeidade de Simmel, e como ela se conectou com seu “estrangeiro”, é avaliar a relação entre migração e cultura judaica a partir do mito fundador do povo judeu, que descreve a questão da dupla identidade e da migração de Moisés. O “Êxodo”, segundo livro do Antigo Testamento, representa um evento fundamental para judeus e seus descendentes. A memória judaica ali inscrita atravessou séculos de muitos confrontos marcados pela experiência de ter sido desenraizada de sua terra natal. O tipo de sentimento incompleto de pertencimento, tão comum a imigrantes, está simbolizado em Moisés, que nasceu hebreu e cresceu egípcio. Por isso, ele é uma figura surgida na encruzilhada de dois povos e de duas culturas religiosas, permanecendo ativo na tradição e na memória que ajudou a fundar. Esse poderoso arquétipo pode funcionar como chave de análise para compreender a migração. Pode-se enxergá-lo esboçado na caracterização do “estrangeiro” de Simmel à medida que se pensa na figura ambígua de Moisés, ambiguidade que Arendt sentiu restringir a liberdade para decidir quem o refugiado é enquanto tenta levantar uma fachada para esconder fatos e representar papéis.

As ideias de Simmel também derivaram de experiências vividas em Berlim durante a época que era considerada vanguarda da cultura modernista. A sua preocupação com os efeitos da vida moderna foi compartilhada com outros intelectuais desde a segunda metade do século XIX. Berlim era cosmopolita e polissêmica; oferecia condições para inspirar intelectuais como Simmel. Foi lá onde ele “passou a maior parte de sua vida acadêmica de modo que a cultura metropolitana frequentemente influenciou seu trabalho” (FRISBY, 2002, p. 9). A população berlinense cresceu em ritmo geométrico. Quando a Alemanha se unificou em 1871, Berlim anotou quase um milhão de habitantes. No começo da Primeira Grande Guerra, pouco depois de *O Estrangeiro* ser escrito, mais de três milhões de pessoas moravam na cidade.

Até 1915, quando se mudou para Estrasburgo (ainda pertencente à Alemanha), Simmel morou na “Unter den Linden 6, 10099”, próximo à área mais movimentada e modernizada de Berlim, o Motzstrasse. O trajeto de sua casa até a Universidade de Berlim cortava o centro nervoso da cidade, ultrapassando a agitação nas calçadas, o comércio, o tráfego e o barulho característico de uma metrópole. Esse tipo de experiência histórica moldou o interesse e a percepção intelectual de Simmel, expressando-se em seus trabalhos que antecederam *O Estrangeiro*. Os ensaios escritos por ele sobre Roma, Florença e Veneza, publicados, respectivamente, em 1898, 1906 e 1907, e depois reunidos em livro, demonstram um sentimento de refúgio para o indivíduo que estava inserido em uma época de intensa agitação cultural e mudança social. Ao mesmo tempo, a experiência urbana se contrapunha radicalmente à vida rural. Simmel assinalou, em 1902, que a cidade se contrastava profundamente com “a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai” (SIMMEL, 1973, p. 12). *O Estrangeiro* foi também esboço de uma sociedade que mudava de marcha.

A relação pensada por ele entre indivíduo e sociedade era protagonizada pelo “estrangeiro”. Os problemas mais profundos da vida moderna teriam sua origem “na tentativa de o indivíduo salvaguardar a independência e a individualidade de sua própria existência contra os poderes dominantes da sociedade, contra o peso da herança histórica, da cultura e da técnica de vida que emanam do mundo externo”

(SIMMEL, 2019, p. 65). Não deveria surpreender que a sua preocupação com os impactos da vida moderna, cosmopolita e urbana tenha sido fonte das teorias que projetou, uma vez que a sua vida e carreira docente se desenrolaram em Berlim.

Um aspecto importante que ajuda a entender a maleabilidade desse conceito repousa no estilo aforístico empregado por Simmel. A sua escrita, configurada em forma de ensaio, possibilitou desenvolver uma noção caracteristicamente plástica, estruturada em contextos sociais e culturais mais do que em contextos econômicos. Por isso, ele escrevia mais do efêmero do que das estruturas que o sustentavam. Talvez por essa razão ele não tenha intencionalmente informado uma proposta metodológica que orientasse investidas empíricas sobre o assunto. No lugar disso, montou um cenário preenchido de hipóteses de trabalho calcadas sobre possibilidades binárias a partir das quais o estrangeiro se movia. Como lembra Leopoldo Waizbort, o estilo ensaístico de Simmel nunca esgotava seu objeto, e isso devia ser visto como uma virtude (WAIZBORT, 2000, p. 35).

À medida que a forma do ensaio permitiu desafiar o tipo de teoria que desprezava experiências historicamente constituídas, as questões formuladas em *O Estrangeiro* animaram pesquisas e estudos sobre migração em uma linha alternativa às interpretações construídas exclusivamente de estatísticas e de metáforas, tais como “fluxo” e “onda”. Pode-se afirmar que a escrita de Simmel favoreceu a articulação de realidades descontínuas e fragmentárias, o que auxiliou a lidar com o caráter contingente do objeto sem tratá-lo isoladamente, nem o esmagar sob a teoria. É certo que a plasticidade desse conceito contribuiu para a formulação de perguntas em um circuito mais cultural do que econômico, apreendendo a posição ambígua do migrante caracterizada simultaneamente pela proximidade e pela distância. Essa, aliás, tornou-se a principal contribuição atribuída a Simmel.

Por outro lado, os estudos sobre migração que se referenciaram em *O Estrangeiro* se detiveram, principalmente, nas discussões conceituais, haja vista que a pesquisa sobre migração assumiu uma tendência a espelhar mais a linguagem estatística de Ravenstein do que a crítica ensaística de Simmel. Modelos sobre a dinâmica das migrações ganharam a preferência nesse universo de pesquisa tratando o deslocamento humano quase sempre como evento demográfico. Na perspectiva das revisões críticas da literatura, tornou-se possível e importante organizar e identificar as abordagens e teorizações em um quadro conceitual, e há muitos: Teoria

Neoclássica, Teoria dos Mercados Segmentados, Teoria da Globalização e Teoria dos Sistemas Migratórios. Elas têm sido utilizadas para explorar as migrações a partir de aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos, mas basicamente funcionam a partir da ideia de “repulsão-atração”, o “*Push-Pull*” presente desde Ravenstein, sumariado por Everett Lee, em 1966.

### **O modelo “*Push-Pull*”**

O demógrafo Everett Lee deu à teoria “*Push-Pull*” uma sistematização, destacando que os fatores de atração e de repulsão podem ser tanto positivos quanto negativos. Antes dele, Ravenstein cogitou esse duplo movimento em suas leis e, mais tarde, Rudolph Heberle esboçou essa teoria, examinando estudos alemães acerca dos deslocamentos do campo para a cidade nas primeiras décadas do século XX (HEBERLE, 1938). Ele agrupou e analisou todos os fatores apontados pelos autores avaliados no artigo, abarcando-os sob o abrigo conceitual do “*Push-Pull*”; a sua conclusão era de que nenhum desses fatores poderia isoladamente explicar a migração para as cidades.

Para Heberle, a decisão de migrar deveria ser buscada no terreno de aspectos sociais e econômicos. À época em que viveu na Alemanha, a industrialização e a maior demanda por mão de obra urbana atraíam trabalhadores rurais em busca de melhores salários e oportunidades. Sob Bismark, de fato, a Alemanha havia estendido plantas industriais e transporte ferroviário além da Prússia. A penetração do capitalismo na agricultura resultou no surgimento de um amplo estrato de trabalhadores agrícolas sem propriedade e com alta mobilidade. O crescimento demográfico no campo excedeu a capacidade de sustento das famílias e levou o fracionamento das propriedades a tamanhos inviáveis para produção. A mecanização do trabalho rural desempregou parte dessa população. Por outro lado, as cidades ofereciam trabalho e serviços inexistentes no campo. Esse quadro dava razão a Heberle a respeito de a migração ser um processo complexo, influenciado por condições históricas e regionais específicas (TILLY; KOPSIDIS, 2020). Para ele, tal complexidade implicava considerar tanto os fatores relacionados à “expulsão” quanto àqueles de “atração”.

A percepção sociológica de Heberle acerca da migração também tem uma história pessoal. Em alguma medida, ela esteve ligada ao seu próprio sentimento de

desterro provocado pelo nazismo e à criminalização de sua ascendência judia. A sua primeira experiência como docente foi na Universidade de Königsberg, na condição de assistente do sociólogo Fritz Karl Mann, de 1923 a 1926. Do ponto de vista de sua formação acadêmica, ele estabeleceu conexões com pesquisadores nos Estados Unidos e conseguiu financiamento da Fundação Laura Spellman Rockefeller para estudar fenômenos migratórios. A bolsa durou dois anos e meio, de 1926 a 1929. Isso envolveu uma estadia inicial na Inglaterra, em Londres. Nos Estados Unidos, esteve em Nova York, Chicago, Nova Orleans e Mound Bayou, no Mississippi. Finalmente, estabeleceu-se com a família em Washington. Em 1929, completou seus estudos e retornou a Alemanha, onde se tornou professor da Universidade de Kiel (WALD, 2004).

Em 1933, o emprego de Heberle tornou-se inseguro. Enquanto participava de uma reunião do Comitê sobre Diferenciais de Migração do Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais em New Haven, Connecticut, o seu salário em Kiel foi suspenso. Depois disso, foi informado de que não seria promovido a professor titular e que não haveria vaga em sua especialidade na universidade. O seu contrato não foi renovado devido à sua ascendência judia. Conforme as leis raciais de Nuremberg, datadas de 1935, Heberle foi classificado como “mestiço” porque seu pai era judeu (KELLEY *et al.*, 1983, p. 106).

A escolha feita pelo estudo da migração funcionou durante algum tempo como uma esquiva do patrulhamento nazista. Foi nesse contexto que ele terminou o livro *Grandes cidades e o fluxo da migração interna*, publicado em 1937, em colaboração com Fritz Meyer, no qual foram combinados dados estatísticos com pesquisas qualitativas de campo, algo incomum e inovador para a época. Antes disso, Heberle havia desenvolvido pesquisa sobre como e porque a região rural da “Schleswig-Holstein”, norte da Alemanha, tornou-se um dos maiores redutos eleitorais do Partido Nazista antes de 1933. Nesse caso, ele tentou explicar a transição de um regime democrático (República de Weimar) para um regime totalitário, focalizando o apoio maciço de pequenos agricultores e camponeses ao nazismo. Esse estudo foi publicado em 1945, nos Estados Unidos, sob o nome de *From Democracy to Nazism: A Regional Case Study on Political Parties in Germany* (HEBERLE, 1945), quando Rudolph já havia se nacionalizado americano e trabalhava na Universidade do Estado da Luisiana. Retrospectivamente, ele conta que, na análise das eleições, utilizou

dados agregados sobre fatores sociais interpretados como indicadores de status socioeconômico, método que seria incorporado nas investigações sobre migração. Em 1934, quando terminou o manuscrito e preparou-o para enviar a uma editora na Alemanha, “ninguém ousou tocá-lo” (HEBERLE, 1977, p.138). Ao contrário de Rudolph, Fritz Meyer permaneceu na Alemanha vinculado à Seção de Assalto (SA) e ao Partido Nazista (HOCHSTADT, 2016, p. 666).

No plano da migração, as pesquisas de Heberle se mantiveram longe da preocupação compartilhada à época com os efeitos líquidos dos deslocamentos. O problema da mobilidade lhe interessou mais e a chave para compreender a flutuação populacional na Alemanha orientava-se pelos fatores “*Push-Pull*”. Isso se torna mais evidente no já mencionado *The causes of rural-urban migration*, publicado em 1938, no qual Heberle realçou as assimetrias regionais com bases em fatores como impacto da modernização da agricultura, expansão dos empregos industriais e pressão demográfica vivida no campo, enfim, elementos organizados relativamente à teoria do “*Push-Pull*”. Na ocasião, o sociólogo criticou o uso dos termos “fuga” e “êxodo” na designação da migração de grupos rurais para cidades e distritos industriais, argumentando que se tratava de “uma avaliação moral da conduta dos próprios migrantes, que são acusados de ‘fugir’ do trabalho mais difícil e do modo de vida mais monótono característico do campo para desfrutar dos prazeres da vida urbana” (HEBERLE, 1938, p. 932).

Na publicação conjunta com Fritz Meyer, Heberle também leu a dinâmica das migrações a partir do “*Push-Pull*”. Eles examinaram os padrões de migração interna na Alemanha e a mobilidade populacional nas grandes cidades durante o entreguerras, combinando abordagens da economia, da geografia humana e da demografia. Ao analisarem os deslocamentos do campo para as cidades, os destaques foram conferidos à industrialização, ao mercado de trabalho e às diferenças regionais. Os autores apontaram que a migração causava impacto no crescimento das metrópoles, afetando mercados de trabalho, habitação e infraestrutura. Ao compararem padrões migratórios, indicaram como as tradições locais e as estruturas agrárias influenciavam a decisão de migrar. Terminaram por criticar a visão positiva de migração, senão que ela podia causar consequências como a superpopulação e o desemprego. O historiador Steve Hochstadt disse que “o livro deles ainda é o

tratamento mais completo de dados migratórios na Alemanha” (HOCHSTADT, 2016, p. 667).

Manuseando dados censitários da Luisiana, Rudolph construiu uma tipologia baseada na maneira como a migração impactava as relações sociais dos migrantes e as diferenças nos sistemas socioculturais entre as áreas de origem e as áreas de destino (KELLEY *et al.*, 1983, p. 107). Era uma abordagem mais sofisticada à medida que incorporava dimensões culturais da experiência dos migrantes. Pode-se dizer que ele ajudou a desnaturalizar a migração, mostrando que ela era produto também de constrangimentos históricos. As forças que expulsaram a população do campo estariam nas colheitas fracassadas, no desmembramento e na redução do tamanho de propriedades devido a partilhas e na mecanização da produção que engolia empregos. Heberle mapeou essas feridas e evidenciou que migrar não era apenas uma escolha: “O camponês que abandona a terra não recusa a miséria, rejeita a vergonha de ser um estranho em seu próprio passado” (HEBERLE, 1938, p. 935). Paralelamente a isso, as forças que atraíam esses migrantes vinham, principalmente, do rumor das fábricas nas cidades e das promessas de salários.

Por fim, é preciso dizer que, embora Everett Lee, importante demógrafo, tenha refinado a teoria “*Push-Pull*” em artigo publicado no ano de 1966, ressaltando a ideia de que a migração ocorre quando os fatores de atração no local de destino superam os fatores de repulsão no local de origem, tal modelo tem suas raízes nas observações de Ravenstein e de Heberle. Esse último, em especial, não se limitou ao trabalho com estatísticas; opôs-se à ideia de que migrar se tratava exclusivamente de uma escolha, indicando que estruturas econômicas e estados autoritários fabricam diásporas. Ele auxiliou na compreensão de que migrar não é uma exceção, mas o espelho de uma humanidade que repetidas vezes se vê impelida a arrancar-se de suas próprias raízes.

### **Considerações finais**

Espero ter mostrado que as primeiras contribuições para o estudo da migração foram decisivas para as investigações que as sucederam. As hipóteses sobre a natureza da migração estimularam uma quantidade numerosa de pesquisas sobre os deslocamentos humanos ocorridos em várias partes do mundo. As questões apresentadas pelos autores elencados neste texto receberam valiosas elaborações e

diversos desdobramentos teóricos e metodológicos. Entretanto, não se tornaram obsoletas, nem foram inteiramente superadas.

Cada autor discutido esteve conectado ao seu tempo. Os seus escritos são representações do trabalho intelectual que fizeram, do modo como viram o mundo e de seus próprios sentimentos quando avaliaram (ou imaginaram) a condição dos migrantes em contextos econômicos e sociais que trocavam rapidamente a marcha. Tentei vê-los por esse ângulo. Não avaliei as deficiências dos seus trabalhos a partir da consciência acadêmica que os estudos sobre migração proporcionam atualmente, mas busquei entender como e em que condições essas pesquisas expressaram interesses e teorias sobre uma prática social que não cessou de se reproduzir. Não é demais lembrar que o trabalho de pesquisa no contexto em que viveram era uma operação largamente artesanal.

Houve momentos históricos mais decisivos dos deslocamentos humanos, como as migrações pré-históricas, a ocupação das Américas, a migração forçada de africanos. Não obstante a isso, foram as migrações iniciadas no final do século XIX que motivaram os primeiros estudos e as teorias inaugurais sobre o tema, assim como as migrações ocorridas nas últimas décadas impeliram pesquisas e publicações, tornando esse objeto mais multidisciplinar. Basta sublinhar que os imigrantes saltaram de 2% da população mundial, em 1970, para 3,5%, em 2019, fato que tem suscitado a atenção acadêmica.

Na atualidade, têm-se melhores condições para propor perguntas mais complexas, inclusive em microescala, indagando sobre o que levou imigrantes e refugiados a se apresentarem como sujeitos partidos ou divididos entre a terra natal e o lugar onde são recebidos. Mais difícil é examinar os sentimentos decorrentes dessas migrações. Há perguntas que podem e que devem ser feitas, semelhantes àquelas propostas por Paul Collier, e, seu livro *Êxodus*: “O que determina as decisões dos imigrantes? Como a migração afeta aqueles que ficam para trás, em seus países de origem? Como a migração afeta as populações nativas dos países que acolhem?” (COLLIER, 2013, p. 24). Olhar em três direções ajudaria a pensar a migração em três temporalidades: no passado, quando se avalia constantemente a decisão de migrar e as experiências vividas no país de origem; no presente, quando o migrante experimenta o estranhamento porque lhe faltam a família, os amigos, a língua e a cultura; no futuro, quando nativos dos países que os recebem enxergam perigo em

sua presença. Tudo isso, em uma conjuntura histórica que as migrações estão saturadas de associações tóxicas que tomam os migrantes como ameaças, situação que tem se agravado nas últimas décadas à medida que os deslocamentos se tornaram um dos poucos eventos históricos atuais que é geralmente politizado antes de ser analisado.

### **Referências Bibliográficas:**

- ALBA, R.D.; NEE, V. **Remaking the American mainstream: Assimilation and contemporary immigration.** Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- ARANGO, Joaquín. Las "Leyes de las migraciones" de E. G. Ravenstein, cien años después. **Revista Espanola de Investigaciones Sociológicas.** No. 32, pp.7-26. Oct.-dez. 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/40183172>, acesso em: 18/04/2020.
- ARENDDT, Hannah. **Nós, os refugiados.** Portugal: Universidade da Beira Interior, 2013.
- BARRETT, J.R. **Work and Community in the Jungle: Chicago's Packinghouse Workers, 1894-1922.** Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1990.
- COGGIOLA, Osvaldo. **As Grandes Depressões.** 1873-1896 e 1929-1939. São Paulo: Alameda, 2009.
- COLLIER, Paul. **Exodus: Immigration and multiculturalism in the 21st century.** London: Penguin, 2013.
- CRAVEN, Matthew. Between law and history: the Berlin Conference of 1884-1885 and the logic of free trade. **London Review of International Law**, v. 3, n. 1, p. 31-59, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/lril/lrv002>, acesso em 19 mai. 2021.
- FOERSTER, Robert F. A Statistical Survey of Italian Emigration. **The Quarterly Journal of Economics**, Vol. 23, No. 1, pp.66-103, Nov., 1908. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1883966>, acesso em: 18/04/2020.
- FOERSTER, Robert F. The racial problems involved in immigration from Latin America and the West Indies to the United States: a report submitted to the Secretary of Labor. **US Government Printing Office**, 1925. Disponível em: <https://nrs.lib.harvard.edu/urn-3:fhcl:921219>, acesso em: 12/03/2022.
- FRISBY, David. **Georg Simmel.** Revised edition. London e New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2002.
- GORDON, Milton. **Assimilation in American Life.** The Role of Race, Religion, and National Origins. New York: Oxford University Press, 1955.
- GREENWOOD, M. J. The migration legacy of EG Ravenstein. **Migration Studies**, v. 7, n. 2, p. 269-278, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/migration/mny043>, acesso em 12 abr. 2023.

GRIGG, D.B.. E. G. Ravenstein and the “ laws of migration”. **Journal of Historical Geography**, 3, 1, pp.41-54, 1977. Disponível em: [https://doi:10.1016/0305-7488\(77\)90143-8](https://doi:10.1016/0305-7488(77)90143-8), acesso em 18/04/2020.

HEBERLE, Rudolph. The causes of rural-urban migration a survey of German theories. **American Journal of Sociology**, v. 43, n. 6, p. 932-950, 1938. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/217875>, acesso em: 18/04/2020.

HEBERLE, Rudolph. **From Democracy to Nazism: A Regional Case Study on Political Parties in Germany**. Boca Raton: Louisiana State University Press, 1945.

HEBERLE, Rudolph. Reminiscences of a Sociologist. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**. 13, pp.131-140, 1977. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/1520-6696>, acesso em: 18/04/2020.

HOBSBAWM, Eric. **A Era do Capital (1848-1875)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOCHSTADT, Steve. Demography and demographers in modern Germany: Social science and ideology across political regimes. **Social Science History**, v. 40, n. 4, pp. 657-682, 2016. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1017/ssh.2016.26>, acesso em: 18/04/2020.

KELLEY, Drenan et al. The contributions of Rudolf Heberle to sociology. **Sociological Spectrum**. 3, pp.103-130, 1983. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02732173.1983.9981686>, acesso: em 18/04/2020.

KEMPLE, T M. **Simmel**. Classic thinkers. Medford: Polity Press, 2018.

KIRK, Dudley. **Europe's population in the interwar years**. Taylor & Francis, 1969.

KIVISTO, Peter (Ed.). **The Anthem Companion to Robert Park**. London: Anthem Press, 2017.

LEE, Everett S. A Theory of Migration. **Demography**. Vol. 3, No. 1., pp. 47-57, 1966. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1883966>, acesso em: 18/04/2020.

LEVINE, D. N. Simmel at a Distance: On the History and Systematics of the Sociology of the Stranger. **Sociological Focus**, v. 10, n. 1, pp. 15-29, 1977. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00380237.1977.10570274>, acesso em: 18/04/2020.

LORENZONI, Júlio. **Memórias de um Imigrante Italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

NELLI, H.S. **Italians in Chicago, 1880-1930: A study in ethnic mobility**. New York: Oxford University Press, 1970.

PACYGA, Dominic A. **Slaughterhouse: Chicago's Union Stock Yard and the World It Made**. Chicago: University of Chicago Press, 2020.

PARK, Robert E. Human migration and the marginal man. **American Journal of Sociology**, v. 33, n. 6, pp. 881-893, 1928. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/214592>, acesso em: 18/04/2020.

PARK, Robert E. **The immigrant press and its control**. Harper & brothers, 1922.

- PARK, R.; BURGESS, E.W. **Introduction to the Science of Sociology**. Chicago: University of Chicago Press, 1921.
- PARK, R. **Race and Culture**. Vol. 1. Glencoe: The Free Press, 1950.
- PODOKSIK, Efraim. **Georg Simmel and German culture: unity, variety and modern discontents**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.
- RAUSHENBUSH, Winifred. **Robert E. Park: Biography of a Sociologist**. N.C.: Duke University Press Durham, 1979.
- RAVENSTEIN, Ernest G. The laws of migration. **Journal of the Royal Statistical Society**, v. 52, n. 2, p. 241-305, 1889. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2979333>, acesso em: 18/04/2020.
- RAVENSTEIN, Ernest G. The laws of migration. **Royal Statistical Society**, 1885. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2979181>, acesso em: 18/04/2020.
- ROOSEVELT, Theodore. Nebraska speech, at Lincoln, Nebraska, June 14th, 1917. **Theodore Roosevelt Papers**. Library of Congress Manuscript Division. Disponível em: <https://www.theodorerooseveltcenter.org/Research/Digital-Library/Record?libID=0288893>, acesso em: 18/04/2020.
- SEYFERTH, G. Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o Papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização. MAIO, M.C. & SANTOS, R.V. (orgs.) **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. Disponível em: <https://doi:10.7476/9788575415177>, acesso em: 18/04/2020.
- SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms**. Selected Writings Edited and with an Introduction by D.N. Levine. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1971.
- SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. MORAIS FILHO, Evaristo. **Simmel**. Grandes Cientistas Sociais. Vol.34. São Paulo: Ática, 1983, pp.182-288.
- SIMMEL, Georg. **The Art of the City: Rome, Florence, Venice**. Pushkin Collection, 2019.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In VELHO, O.G. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- SPINNEY, R.G. **City of big shoulders: A history of Chicago**. Ithaca: Cornell University Press, 2020.
- TILLY, R H.; KOPSIDIS, M. **From old regime to industrial state: a history of German industrialization from the eighteenth century to WW II**. University of Chicago Press, 2020.
- TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. Editora Unesp, 2022.
- TRUZZI, O. Assimilação ressignificada: novas interpretações de um velho conceito. **Dados** [Internet]. 55(2):517–53, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582012000200008>, acesso em: 18/04/2020.
- VIANNA, F.J.O. **Raça e Assimilação**. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1938.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Editora 34, 2000.

WALD, Ingeborg. Rudolf Heberle Papers. **Inventory Compiled**. Louisiana and Lower Mississippi Valley Collections Special Collections, Hill Memorial Library Louisiana State University Libraries Baton Rouge, Louisiana State University, 2004.

WHITE, Arthur Silva. **The development of Africa**: A study in applied geography. Illustr. with a set of 14 maps specially designed by EG Ravenstein. Philip, 1892.

ZELINSKY, Wilbur. The Hypothesis of the Mobility Transition. **Geographical Review**, Vol. 61, No. 2, pp. 219-249, Apr., 1971. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/213996>, acesso em: 18/04/2020.

ZANGWILL, Israel. **The Melting-Pot**. Blackmask/Ebook. 2007.

*Recebido em Julho de 2025*  
*Aprovado em Setembro de 2025*